
MENSAGEIRO

DO CORAÇÃO DE JESUS | MARÇO 2019

CRISTÃOS DO
IRAQUE MANTÊM
A ESPERANÇA

pág. 3

A EUCHARISTIA

pág. 13



JMJ 2022

EM PORTUGAL

BREVEMENTE!



MENSAGEIRO

DO CORAÇÃO DE JESUS

março 2019 // Ano CXLIV, n.º 3

Diretor

António Valério, s.j.

Administração

Rua S. Barnabé, 32, 4710-309 BRAGA (Portugal)

Contactos:

Geral: 253 689 440
Revistas: 253 689 442
Livraria: 253 689 443
Email: revistas@snao.pt
Web: www.revistamensagem.pt
www.redemundialdeoracaodopapa.pt

Direção de arte e produção gráfica

Francisca Cardoso Girão

Paginação

Editorial A.O.

Impressão e acabamentos

Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de São Brás, n.º 1 - Gualtar
4710-073 BRAGA
Contr. n.º 504 443 135

Redação, Edição e Propriedade

Secretariado Nacional do Apostolado da Oração
Província Portuguesa da Companhia de Jesus
(Pessoa Coletiva Religiosa - N.I.F. 500 825 343)

Depósito Legal 11.762/86

ISSN 0874-4955

Isento de Registo na ERC, ao abrigo do Decreto
Regulamentar 8/99 de 9/6, artigo 12º, n.º 1 a
Tiragem: 9.000 exemplares



ASSINATURA PARA 2019

Portugal
(incluindo as Regiões Autónomas): 15,00€

Portugal (2 anos): 29,00€
Europa: 21,00€
26,00 Fr. Suíços
Fora da Europa: 27,00€
35,00 USD
42,00 CAD

Preço por exemplar: 1,40€

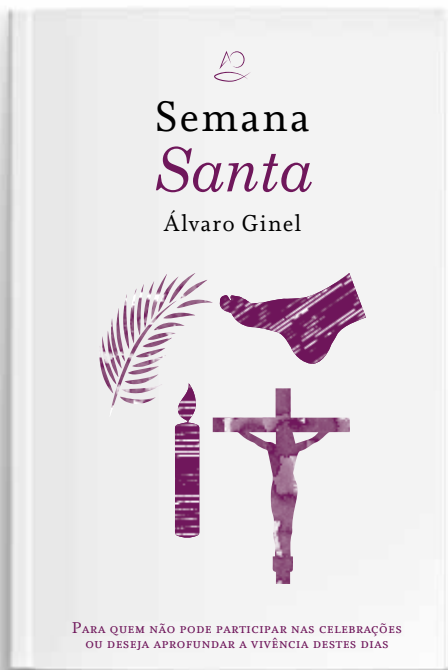
Pagar por transferência bancária:

De Portugal:
IBAN - PT50 - 0033 0000 0000 5717 13255
(Millennium.BCP - Braga);

Do Estrangeiro:
IBAN - PT50 - 0033 0000 0000 5717 13255
Swift/Bic: BCOMPTPL (Millennium.BCP - Braga)

ATENDIMENTO AO PÚBLICO

Horário: 9h-12h30 / 14h30-19h



Semana Santa

Álvaro Ginel

O Autor apresenta, de modo simples e muito concreto, um conjunto de sugestões que ajudam a viver e dar sentido à Semana Santa, em casa ou em férias, sozinho ou com a família, em união com as celebrações da Igreja.

Pedidos: Secretariado Nacional do A.O.
Rua S. Barnabé, 32 - 4710-309 Braga
livros@snao.pt | Telef.: 253 689 443

www.livraria.apostoladodaoracao.pt

FREI BERNARDO DE VASCONCELOS

Alexandre Freire Duarte

Conheci pela primeira vez os escritos, e alguns fiapos da vida, de frei Bernardo de Vasconcelos (1902-1932) no ano de 2002, pela voz e pela mão de um grande amigo meu: o beneditino angolano frei Joaquim João. Neste momento em que escrevo estas palavras, não são apenas aqueles escritos, fotocopiados em folhas entretanto amareladas e enfraquecidas pela humidade marítima, que estão aqui comigo. Com eles estão outros textos de frei Bernardo de Vasconcelos e, sobretudo, as vivas recordações de tantos momentos de cumplicidade com frei Joaquim João.

Nascido de uma nobre família do alto sudeste minhoto, na ocasião já mais empobrecida do que enrudecida, não me ocorre, fruto do parcial conhecimento que possuo de frei Bernardo, qualquer evidência de que o mesmo se sentisse desconfortável em ter presente, ao seu coração, os mais rudes e simples seres. De modo algum: o que me parece ser a sua galante boa-fé e a sua naturalidade espiritual, aqui e ali pontilhadas por uma certa melancolia psicológica também coimbrã, não lhe permitiam isso. Todavia, o seu constante inquieto espírito, patente de modo particular nas suas sempre honestas rimas, já tinha em mente um mais célere, e desse modo porventura menos seguro espiritualmente, caminho para aquilo a que o seu coração aspirava. A saber: o caminho da culta estabilidade vocacional da ordem beneditina, que lhe permitisse sonhar com uma vida pautada pelo desdobrar do amor: por um lado, em sacrifício; e, por outro lado, em sacramento. Um desdobrar levado a cabo no meio de uma religiosidade repleta de feridas, por si aceites, decorrentes da recusa institucional de toda a excentricidade, notavelmente a de uma pura espiritualidade.

O mencionado desdobramento é capital para qualquer pessoa, quer ela o reconheça ou não, e, mais ainda, para qualquer cristão que vive da Eucaristia, mas, por vezes, aqueloutro toca a esfera martirial. E toca-a, não só no sentido do facultar ser-se testemunha

do Trespasado que trespassa, mas de uma compassiva e voluntária doação integral. Creio que poderei dizer que este terá sido o caso de frei Bernardo. Efetivamente, este exprime, em não poucos momentos, ter vivido a compreensão, bem característica de uma certa matriz cristã ocidental a necessitar presentemente de reponderação, de que o oferecimento a Deus do sofrimento próprio seria o mais valioso que haveria a entregar a Este.

Seja como for, a sua candura, misturada com a sua segurança autoimposta, fez de si uma espécie de Flautista de Hamelin, mas do reverso. Isto é, um chamariz, não de focos de peste, mas de sanidade, numa época em que, estando o comum da vida cristã tão distante da valorização da Escritura e das ansiedades humanas, a vivência católica comum se tornara num triste pietismo tangente ao estoicismo. Um pietismo que quase tinha todas as corrupções dos «ismos» mais comuns e, ao mesmo tempo, carecia da única virtude que poderia fazer do mesmo algo de válido e criador: a própria piedade – conquanto alimentada e elevada à gratuidade pelo amor. Eis uma piedade que, contudo, e segundo os textos teológicos e ritualmente místicos de frei Bernardo, creio que facilmente é suscitada no coração dos seus leitores, sobretudo pela capacidade, por ele minimamente colocada naqueles, das suas palavras reterem e expressarem a maximamente imaginativa feição do real.

Os escritos de frei Bernardo podem ser, todos eles, lidos à luz de uma vontade de fidelidade interpretativa retrospectiva, ainda que bastante distante da renovação que felizmente já medrava noutros quadrantes da Igreja. Uma fidelidade que agrupa a conjunção de dois elementos. De um lado, impressionantes planos de perfeição alicerçados num inexistente, mas sonhado, futuro. Do outro lado, a decantação da celebração daquele amor que, já solidamente vivido no passado, não se quer emancipado, mas prestador de uma vassalagem crente a um só Senhor, até fazer do amado-amante um

quase fiapo de ser. Por esta conjunção frei Bernardo atesta que só o amor, sendo necessário, é suficiente, mas nunca o amor ao amor, a não ser que este último seja o do Amor que Deus é, pois, no fundo e neste caso, quase que se identificam num cântico inconsútil.

De tudo o que me ficou da leitura dos seus textos, saturados de vazios que são sangue da alma e gritos do coração, algo se salienta, quiçá aguçado por uma oblíqua diferença de carácter entre nós. Em concreto: a percepção que ele sentia que só aquilo que em si acabaria por ficar ultrapassado – porventura por ter logrado alguma finalidade – poderia sobreviver. Ser ou não ser, eis a questão – vital, logo mortal – que muitos se colocam. Creio que frei Bernardo teria podido dizer «não ser» para «ser»: não ser o que não se é, nem se deve ser, para se ser o que se é, e se deve ser. Terá o mesmo, desse modo, pretendido que aquilo que ele escreveu, através de diferentes registos literários, se tornasse uma despojada série de diálogos sagrados com Deus? Não sou capaz de responder a esta questão, mas julgo que aquele, tão estimado já em vida, estaria pouco preocupado com isso, não menos porque, sabendo o que comporta a visibilidade da dedicação, entendia bem o preço da invisibilidade dessa mesma dedicação.

Um «grande poeta»; um grande «profeta»; um «grande místico»; um «grande santo», afirmam distintas pessoas, entre as quais os caçadores de prodígios ou de sinais maravilhosos, acerca de frei Bernardo. Pessoalmente, não me sinto confortável com tais quatro «grandes», mas isto não significa, de modo algum, a negação de que o mesmo tenha sido, e ainda seja, o que os mesmos qualificam. É evidente que todos os cristãos talvez devam aspirar a ter, de uma ou outra forma, imenso de santos, muito de místicos, bastante de profetas e uma pitada de poetas, mas isso em nada desvaloriza as particularidades daquele. Pelo contrário: salienta-as, abraçando a sua própria expressividade individual, cavando a sua personalidade e conferindo-lhe, de mãos dadas com a doença que tão precocemente o vitimou (após tê-lo consumido durante um quinto da sua vida), aquela feição de uma vida vivida, não graças às pessoas, mas de graça para as pessoas.

